VIRTUALBOOKS

CONTOS DE

Hans Cristhian Andersen

Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O SINO

Hans Christian Andersen

Contos de Hans Christian Andersen

Hans Christian Andersen nasceu em Odensae, em 2 de abril de 1805, e faleceu em Conpenhague em 1875. Autor de inúmeros contos infanto-juvenis, traduzido por todo o mundo. Considerado por muitos com o pai da Literatura Infanto-Juvenil. Temos aqui uma seleção de seus melhores contos.

O SINO

UMA tarde, ao por-do-sol, quando entre os tubos das chaminés se vêem fragmentos de nuvens douradas, ouviu-se um som muito estranho.

Primeiro ouviu-o uma pessoa, e outra a seguir; parecia o som de um sino de igreja, mas só durava um instante e se desvanecia abafado pelo barulho dos veículos e pelos gritos das pessoas nas ruas.

- Já soa o sino da tarde - dizia o povo - 0 sol chegou ao seu ocaso.

Os que saíam da cidade e se encontravam nos arredores, onde as casas são separadas e cada uma delas possui um jardim maior ou menor, viam a estrela do Pastor e ouviam muito melhor o tilintar do sino. Parecia vir de uma igreja situada dentro de um bosque silencioso e perfumado e todos olhavam naquela direção, com expressão respeitosa.

Passou-se algum tempo e todos diziam uns aos outros:

- Existirá alguma igreja no bosque? Esse sino tem um som extremamente doce. Vamos até lá, a fim de ver se é possível descobri-la.

Os ricos faziam o percurso de carro e os pobres a pé, mas o caminho era longo. Ao chegarem a um grupo de salgueiros que cresciam nos limites do bosque sentaram-se e olharam por entre os ramos, acreditando já estarem na metade do caminho.

Um confeiteiro da cidade encaminhou-se para lá e instalou uma loja. Logo outro confeiteiro apareceu e fez o mesmo. E quando as pessoas voltavam para suas casas, diziam que a excursão fora muito romântica e falavam em algo mais do que numa taça de chá..

Três pessoas asseguraram que haviam penetrado no bosque até chegar ao extremo oposto e que durante todo o trajeto ouviram tocar o sino, mas que então o som parecia vir da cidade.

Um deles escreveu um poema a respeito do caso e disse que o sino soava como a voz de uma mãe que se dirigisse a um filho pequenino. Nenhuma melodia poderia ser mais doce do que o tinido daquele sino.

A atenção do Imperador também foi atraída por ele e então prometeu que quem descobrisse a procedência daquele som receberia o título de “sineiro do mundo”, no caso de que o sino existisse realmente.

Muitas foram as pessoas que se dirigiram para o bosque, incitadas pelo desejo de alcançar a recompensa, mas somente uma delas pôde dar uma explicação.

Ninguém se afastara muito, nem ele mesmo, mas declarou que o badalar do sino era causado por um mocho gigantesco que estava numa árvore oca: era um mocho sábio, que batia sempre na árvore com a cabeça, mas era impossível saber se aquele ruído era causado pela árvore ou pela cabeça.

De qualquer forma ele foi nomeado 49 sineiro do mundo” e todos os anos escrevia um pequeno tratado a respeito do mocho, mas nem por isso as pessoas ficaram sabendo mais nada a respeito do assunto.

Certo dia em que administrava a confirmação, um sacerdote fez um sermão comovente, que impressionou vivamente a todas as crianças que recebiam o sacramento.

Para elas, naquele dia se tornavam adultas e sua alma infantil seria responsável por seus atos. 0 dia estava

muito lindo e cheio de sol e depois da confirmação foram muitas as pessoas que saíram da cidade para passear e assim puderam ouvir com maior intensidade que de costume o repicar do sino, que, na sua opinião, vinha do bosque.

Todos sentiram vontade de avançar e ver o sino; todos, à exceção de três. A primeira era uma menina que tinha de voltar para casa, a fim de experimentar seu vestido de festa.

E esse vestido e a festa tinham sido o motivo para que recebesse a confirmação, pois, de outro modo, teria adiado a cerimônia. 0 segundo era um pobre rapaz, que usava uma indumentária e umas botas emprestadas pelo filho do dono dá casa e precisava devolve-las na hora aprazada.

0 terceiro disse que nunca fora a lugar algum sem seus pais, que sempre fora um bom menino e que desejava continuar a sê-lo, mesmo que já tivesse recebido a confirmação. Ninguém poderia dissuadi-lo, e, apesar de tudo, não pôde evitar que se rissem dele.

Esses três não foram, porém os outros continuaram a caminhar. 0 sol brilhava, os passarinhos cantavam e os meninos que haviam recebido a confirmação juntaram as mãos e cantaram junto com os pássaros. Logo dois dos menores se cansaram e voltaram para a cidade: dois outros se sentaram para fazer coroas e grinaldas de ramos e folhagens e também não foram até os salgueiros, onde os confeiteiros tinham as suas

lojas, dizendo que o sino não existia e que era fruto da imaginação do povo.

Justamente nesse instante ouviu-se o repicar do sino no bosque. Quatro ou cinco jovens decidiram penetrar mais a fundo no bosque; o mato era tão espesso, que o caminhar se tornava difícil.

O ambiente era muito agradável, mas não havia caminho para as meninas, cujas saias se rasgavam de encontro aos espinhos. Havia grandes rochas cobertas de musgo e podia-se ouvir o rumorejar das fontes.

- Não há dúvida de que isso não é o sino - exclamou um menino, enquanto se punha a ouvir. - Mas é bom ver o que é - acrescentou, sendo fitado com respeito pelos demais.

Chegaram a uma cabana feita de troncos de árvores; uma macieira silvestre estendia seus ramos floridos, como se quisesse deixá-los cair sobre o telhado, que já estava coberto de rosas.

Outras plantas trepadeiras chegavam até o alpendre e lá estava pendurada uma campainha. Seria essa que eles estavam procurando?

Todos concordaram que devia ser à exceção de um, que disse ser a campainha muito pequena e delicada. para que pudesse ser ouvida a tão grande distância e que seu som era especial, tendo impressionado a todos.

Quem falava era o filho do rei e todos convieram em que, forçosamente, ele devia ser mais inteligente do que todos, quando dizia aquelas coisas.

Deixaram que ele continuasse sozinho e, à medida que se internava no bosque, ficava mais impressionado por tanta solidão; mas continuava a caminhar e ouvia o som do sino que tanto agradava aos seus companheiros e como o vento vinha de lá, percebia claramente as vozes dos que pediam chá aos confeiteiros.

Mas o sino de tom profundo dominava todos aqueles ruídos, como se seu tinido viesse de um órgão. Outrossim, os ruídos vinham da esquerda, do lugar onde fica o coração.

Ouviu uns estalidos na mata e apareceu um menino na frente do filho do rei. Calçava tamancos e vestia uma jaqueta de mangas muito curtas.

Reconheceram-se, porque era o mesmo menino que voltara, a fim de devolver a indumentária e as botas. Depois de devolvê-las, ele vestira a sua pobre roupa e, atraído pelo som do sino, regressara ao bosque.

- Sigamos juntos - disse o filho do rei.

Mas o menino dos tamancos estava envergonhado. Puxou as mangas da jaqueta e disse que temia não caminhar com bastante rapidez. Além disso, achava que era preciso procurar à direita, porque aquele lado era m ais bonito.

- Desse jeito não o encontraremos replicou o filho do rei, enquanto o outro menino entrava pela parte mais densa do bosque, onde os espinhos lhe arranharam o rosto, as mãos e a roupa, até que se cobriram de sangue.

O filho do rei também recebeu alguns arranhões, mas, pelo menos, o seu caminho estava iluminado pelo sol. E agora vamos segui-lo, pois é um menino muito inteligente.

- Preciso e quero encontrar o sino - disse - nem que para isso tenha de ir até o fim do mundo.

Havia uns macacos muito feios sentados nos ramos das árvores, mostrando-lhe os dentes e fazendo caretas.

- Vamos esfolá-lo? - perguntavam uns aos outros. - Seria melhor açoitá-lo. O filho do rei.

Mas ele continuou a caminhar, confiante e viu que por ali cresciam flores maravilhosas, havia lírios brancos, com pistilos vermelhos, tulipas de cor azul-pálido que brilhavam ao sol e maçãs e macieiras cujos frutos pareciam brilhantes bolas de sabão.

Podem imaginar como luziam aquelas árvores ao sol. Havia verdes e formosos prados, onde brincavam veados e corças entre os arbustos.

Musgos e trepadeiras cresciam por todos os lados.

Existiam também muitos lagos, onde nadavam brancos cisnes que agitavam as asas.

O filho do rei parava para ouvir, pois às vezes lhe parecia que o sino soava em algum daqueles lagos, mas logo se convencia de não ser assim e cada vez se internava mais no bosque.

O sol começou. a descer no horizonte e as nuvens adquiriram um tom avermelhado; uma grande paz envolveu o bosque e o menino caiu de joelhos, a fim de rezar a oração da tarde e disse:

"Nunca encontrarei o que procuro, pois o sol já vai se ocultar e a noite vem chegando. Talvez ainda consiga ver mais uma vez o disco vermelho do sol, antes que ele se afunde na terra. Subirei numa dessas rochas, que são tão altas quanto essas árvores".

Agarrou-se às raízes das árvores, subiu pelas trepadeiras, segurou-se às rochas escorregadias, onde se retorciam as serpentes aquáticas e os sapos coaxavam ao vê-lo. E alcançou o cimo antes do pôr-do-sol. Visto daquela altura, que esplendor havia perante seus olhos!

O oceano, o belo azul do oceano, cujas grandes ondas chegavam até a praia. O sol parecia um grande e brilhante altar, perto da linha que separava o mar do céu.

Tudo estava impregnado de cores resplandecentes; e tanto o bosque como o oceano e seu próprio coração

cantavam alegres hinos. Toda a Natureza era como que um enorme e sagrado templo, do qual as árvores e as nuvens eram as colunas, as flores e a grama, os tapetes e o próprio céu uma imensa cúpula.

Os tons avermelhados se desvaneceram quando o sol se ocultou, mas apareceram milhares de estrelas, semelhantes a inúmeras lâmpadas de diamantes e o filho do rei estendeu os braços para o céu, o mar e o bosque.

Naquele instante, pelo caminho da direita apareceu o menino pobre, das mangas curtas e dos tamancos de madeira. Haviam chegado ao mesmo lugar quase no mesmo instante, cada um seguindo seu próprio caminho.

Correram um para o outro e se abraçaram e se deram as mãos no grande templo da Natureza e da Poesia, e sobre eles ressoava o sino santo e invisível.

Espíritos felizes dançavam aos acordes de uma maravilhosa Aleluia, nunca ouvida até então.

FIM